

LETÍCIA DO NASCIMENTO PASSOS

**PANDEMIA EDITADA NA TV: análise sobre a  
construção de memória da pandemia de Covid-19 a partir  
da narrativa do programa Retrospectiva de Fim de Ano  
da Rede Globo**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2022

LETÍCIA DO NASCIMENTO PASSOS

**Pandemia Editada na TV: análise sobre a construção de memória  
da pandemia de Covid-19 a partir da narrativa do programa  
Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo**

**Projeto apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.**

**Orientador: Prof. Ricardo Duarte Gomes da Silva**

**VIÇOSA**

**ABRIL 2022**

## AGRADECIMENTOS

Acredito que o caminho em busca do Ensino Superior seja uma jornada complicada para todos aqueles que o desejam mas, a graduação para estudantes cotistas e bolsistas como eu, é ainda mais árdua. Permanecer em uma universidade pública foi, e sempre será meu maior ato de resistência. Antes dos agradecimentos, gostaria então de dedicar esse trabalho a minha avó Ivaneide, que já não está mais presente conosco. Foi ela a sempre me incentivar a correr atrás dos meus sonhos e sei que ela será para sempre, a minha maior fã.

Gostaria de agradecer a minha mãe Andrea e ao meu irmão Othon, por todo o amor, apoio incondicional e por lutarem durante todos esses anos para que eu pudesse ter a oportunidade de estudar na UFV. Agradeço também meus tios Anderson e Simone pelo incentivo absoluto e minha prima Juliana, por nunca perder a fé em mim.

Agradeço também aos meus amigos que nunca soltaram a minha mão durante todo esse processo do TCC. Déborah, Eduarda, Lara, Túlio, Alícia, Anna, Amanda, Bruno e Jéssica, Kallaz e Alex. Todos vocês estiveram comigo durante essa jornada complicada, não me deixando desistir e me lembrando que o percurso pode ser difícil, mas que eu sou perfeitamente capaz. Ter vocês comigo é um dos meus maiores orgulhos.

Por fim, gostaria de agradecer a dois queridos professores da graduação: Ricardo Duarte e Joaquim Lannes. Sou imensamente grata ao meu orientador por ter aceitado embarcar nessa aventura comigo de última hora, por ter estendido a mão quando tudo parecia dar errado e por ter validado inúmeras vezes que eu era sim uma estudante merecedora desta graduação. Sou muito grata também ao saudoso professor Joaquim, por ter acreditado e lutado por mim.

## **RESUMO**

Este trabalho busca examinar a relação entre televisão, jornalismo e memória, em busca de compreender de que forma será criada uma memória sobre a pandemia de Covid-19 que teve início no ano de 2020, tendo como objeto de análise as narrativas sobre a pandemia apresentadas no programa Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo, exibido em Dezembro de 2020. A pesquisa é fundamentada a partir de trabalhos publicados sobre memória, TV, jornalismo, linhas editoriais e jornalismo em tempos de pandemia. Seguindo os acontecimentos exibidos pela edição do programa, identificamos de quais formas a pandemia será lembrada pelo programa e por consequente, pelo público. Assim, o trabalho conclui que não somente é realizada construção de memória a partir do conteúdo da retrospectiva, como também de que possíveis maneiras os espectadores irão perceber este conteúdo.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Pandemia. Covid-19. Memória. Televisão e Memória. Jornalismo. Retrospectiva. Rede Globo.

## **ABSTRACT**

This work intends to take a closer look into the pre-existing relations between television, journalism and memory, in the hopes of understanding in which ways a collective Covid-19 pandemic memory might be built, having as the study subject the narratives presented by the TV program “Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo”, that went on air in late December, 2020. This research is based on published studies about memory, TV, journalism, editorial lines and journalism during the pandemic. Following the events presented by the show, we are able to identify in which manners the pandemic will be remembered by the TV program and as a consequence, by the public. Thus, this work concludes not only that memory will be fabricated from the show’s narratives, but also the possible manners in which the audience will receive it.

## **KEYWORDS**

Pandemic. Covid-19. Memory. Television and Memory. Journalism. Retrospective. Rede Globo.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Referente a distribuição de conteúdos exibidos pelo programa .....	21
--	----

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagens 1:</b> Primeiros médicos a serem convocados contra o coronavírus em Wuhan.....	23
<b>Imagens 2:</b> Primeiros médicos a serem convocados contra o coronavírus em Wuhan .....	23
<b>Imagens 3:</b> Foliões brasileiros fazem referência ao Covid-19 .....	25
<b>Imagens 4:</b> Foliões brasileiros fazem referência ao Covid-19 .....	25
<b>Imagem 5:</b> Primeira pessoa a ser vacinada contra o coronavírus .....	28

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	11
1. Papel do Jornalismo durante a pandemia .....	11
<b>CAPÍTULO 2</b> –.....	16
2. Televisão e Memória .....	16
<b>CAPÍTULO 3 – Método, Resultados e discussões</b> .....	19
3.2. Análise Descritiva .....	19
3.3. Análise Interpretativa .....	29
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	36

## Introdução

No dia 22 de Janeiro de 2020, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, um dos maiores programas de cunho jornalístico da TV brasileira, apresenta aos espectadores uma cidade que até então era desconhecida pela maioria dos brasileiros: Wuhan, capital e maior cidade da província de Hubei, na China.

Embora os primeiros casos do novo coronavírus não tenham sido registrados na capital chinesa, foi lá que se formou o palco para o que viria a ser o ano de 2020, assim como o ano seguinte. As primeiras notícias começaram a chegar ao Brasil exatamente como eram noticiadas ao redor do mundo: Wuhan se tornara o epicentro de um novo coronavírus, de rápido contágio, com sintomas de gripe e taxa de mortalidade que afetava principalmente idosos. Em comum nas notícias exibidas na TV brasileira, o consenso de que não havia necessidade para pânico, ainda.

Com o crescimento exponencial de registros de casos do novo coronavírus na Europa<sup>1</sup> no final de fevereiro, no dia 26 do mesmo mês em 2020, o Brasil registra seu primeiro caso. No dia 12 de março, é registrada a primeira morte por Covid-19 no Brasil. Rosana Aparecida Urbano tinha 57 anos quando deixou sua filha. Após a sua morte, faleceram mais outros 4 membros de sua família, também vítimas de Covid. Ao fim de 2020, depois de 2 trocas no Ministério da Saúde e 8 meses sem um Ministro definido, de acordo com o balanço publicado pela Fundação Oswaldo Cruz, o Brasil contabilizava 7.714.819 casos do novo coronavírus. As mortes causadas pelo vírus somavam 195.742 óbitos.

Desde *lives* (transmissões ao vivo feitas na internet) de atualizações sobre o coronavírus lideradas pelo ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, à cobertura televisiva, matérias impressas e plataformas online com boletins diários sobre o vírus, é possível dizer que quase tudo em relação a pandemia, foi registrado pela mídia de alguma maneira. Embora outras pandemias tenham afetado as diferentes sociedades humanas desde o século XX, é possível dizer que nenhuma havia sido tão fortemente midiaticizada como a pandemia de Covid-19.

---

<sup>1</sup> Em 17 de Janeiro a França registra seu primeiro caso do SARS-CoV-2, no dia 21 a Rússia confirma a chegada do vírus ao país. Em 29 de Janeiro, França, Rússia, Alemanha, Itália, Suíça e Espanha registravam casos. No dia 23 de Fevereiro, a Europa já contava com 473 casos do novo vírus.

Ao pesquisar por coronavírus na GloboPlay<sup>2</sup> (plataforma de streaming que contém exclusivamente os trabalhos da Rede Globo de Televisão, 2ª maior emissora televisiva do mundo), por exemplo, são apresentadas 10.859 ocorrências. Entre estas se encontram: reportagens sobre o avanço da doença, prevenções a serem seguidas, a mudança de rotina em função do vírus e atualizações do número de vítimas.

O que agora são notícias atuais sobre um episódio que, pelo menos no Brasil, não parece ter um fim próximo, serão futuramente os importantes registros históricos do que pode vir a ser um dos acontecimentos mais marcantes da história recente, uma das pandemias com mais casualidades e que mudou completamente as estruturas da vida em sociedade conhecida. Todas as 10.589 ocorrências sobre coronavírus na GloboPlay, podem se tornar fontes para pesquisas futuras sobre este período turbulento. Busca-se então, aprofundar-se principalmente no papel ativo, aqui representado pela televisão, para essa construção.

Trazida ao país pelas mãos do empresário, político e jornalista Assis Chateaubriand nos anos de 1950, a TV tornou-se desde então uma das posses e meio de comunicação mais comuns do lar brasileiro, chegando a estar em mais de 95% dos domicílios pesquisados pelo IBGE em 2019<sup>4</sup> e tornando-se assim uma das principais propagadores de notícias do país (Notícias essas, que já consideramos como importantes ferramentas de registro).

Sendo assim, a prática midiática brasileira tornou-se tão intrínseca à forma como vivemos em sociedade, que seus registros se tornam uma espécie de museu em tempo real. Pode-se enxergar a televisão como testemunho de momentos históricos, interferindo diretamente nas formas de fixação de uma memória coletiva (VILLELA, 2019, p.8).

Programas como a Retrospectiva de Fim de Ano da Globo, que sintetiza os maiores acontecimentos do Brasil e do mundo em algumas horas de exibição, desempenham agora um papel importantíssimo para a futuridade: o de arquivo. De memória.

Para este trabalho pretende-se analisar, portanto, tratando-se do contexto de uma pandemia midiaticizada, de que maneira o programa Retrospectiva de Fim de Ano, programa

---

<sup>2</sup> Pesquisa realizada no dia 12 de abril de 2021.

jornalístico exibido anualmente pela Rede Globo de Televisão, recorta e reforça os principais acontecimentos, acionando a memória do público e contribuindo para a construção de uma memória coletiva na sociedade brasileira contemporânea sobre a pandemia de Covid-19.

Como dito pela escritora e jornalista Luciana Savaget, no evento Memória e Arquivo Televisivo, apresentado no dia 26 de março de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora: “*Somos motivos de estudo do futuro. Temos que estar atentos ao que deixaremos de memória.*” (SAVAGET, 2021).

A Memória tem sido um campo eficientemente estabelecido e já explorado dentro da Comunicação, e entendê-la, assim como o papel ativo que a mídia representa em sua construção, nos permite compreender melhor não somente o passado, mas também o contexto contemporâneo e a relevância histórica que o ato de registrar representa para a sociedade futura. Como bem apontado por Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento (2020), é importante que se questione como a memória é capaz de projetar-se não só para o passado, mas também para o futuro.

No ar desde 1967, a retrospectiva de fim de ano da Globo é a mais antiga atração deste gênero na TV brasileira e é tradicionalmente exibida na última sexta-feira do ano, como parte de uma exibição extraordinária pertencente ao programa jornalístico semanal, Globo Repórter e reúne em um recorte os maiores e mais relevantes acontecimentos do ano que passou.

Entende-se portanto, ao considerarmos superficialmente a estrutura básica da “Retrospectiva Globo” e que em um contexto moderno somos frequentemente bombardeados por informação, que os fatos registrados na exibição em questão tornam-se agentes da memória brasileira, dado que, servem como uma espécie de “muleta” para que se lembre de aspectos específicos do ano que passou, como constatou em seu artigo científico, Reneé Oliveira (2011).

Como lugar de publicização não só de memórias de uma sociedade, mas também do próprio meio, a Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo de Televisão se oferece como lugar de rememoração em nossa cultura de contínua aceleração e esquecimento. Ao funcionar como uma mediação entre os acontecimentos passados e o presente, a Retrospectiva atua na construção de uma memória coletiva ao escolher os fatos que merecem ou não ser reapresentados (OLIVEIRA, 2011, p.79).

Visto que a memória coletiva constrói-se dentro do “grupo”, como verificou Maurice Halbwachs em seus estudos (1925), pode-se entender que os momentos que são eternizados e retratados em programas midiáticos como de grande importância dentro de um recorte temporal específico, tal qual é feito na retrospectiva, eternizam-se de tal maneira pois interessam e afetam o coletivo.

De tal forma, pode-se interpretar de maneira correta, que temáticas selecionadas e retratadas pelo programa, são priorizadas desta maneira pois são consideradas de interesse público e coletivo, já que diz respeito a ocorrências que comoveram a nossa sociedade comunitariamente. Seu conteúdo existe, pois retrata o que nos afeta e, portanto, o que queremos ver. Assim, o programa de TV se encaixa no que descreveu Lucas Braga Rangel Villela como um produto social.

(...) Dessa forma, a televisão deve ser analisada como, além de um produto cultural, um produto social, compreendida segundo suas condições históricas e suas relações sociais que moldam representações em momentos e cenários distintos. Essa mídia atende aos desejos e necessidades humanas, a fabricação de sensações e prazeres. (VILLELA, 2019, p.11)

Ao tratar-se, conseqüentemente, de uma ocorrência da dimensão da pandemia de Covid-19, com mais de 100.000 de vítimas brasileiras em um único ano, não é difícil compreender o porquê da cobertura jornalística ter sido tão ativa e diligente, tornando a prática um dos pilares no combate à pandemia.

Durante este período, surgiram pesquisas buscando entender melhor as novas relações estabelecidas entre Jornalismo e pandemia. Pesquisas como o livro “Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na internet”, organizados por Fabiana Siqueira e Patrícia Monteiro, expressam em seu prefácio o que já desconfiávamos a respeito do papel do Jornalismo. “*Em inúmeras imagens, notícias, reportagens, em rotinas produtivas alteradas por uma pandemia com desfecho ainda em aberto, o Jornalismo emerge como protagonista na televisão e na internet*” (COUTINHO, 2020, p. 7).

Nota-se como a função desempenhada pela Retrospectiva e pelo jornalismo da Rede Globo, é de importância expressiva e fundamental não somente para um registro preciso e profundo do período que vivenciamos mas para o gênero jornalístico como um todo, afinal, é

dever do jornalismo informar e tratando-se de uma pandemia, este ato pode significar salvar vidas. A “pressa” em divulgar informações corretas e desmentir informações que seriam prejudiciais a uma situação já alarmante, faz-se essencial neste cenário.

(...)É pertinente ressaltar a importância do Jornalismo Científico neste momento que intensificou a relação entre jornalismo e ciência - entendendo que a saúde só avança a partir das descobertas científicas - e que qualquer mudança em relação à COVID-19 precisa ser noticiada com base na ciência (SILVA, GOMES e PERES, 2020, p. 235).

Faz-se necessário no presente então, aprofundar-se em discussão sobre os significativos papéis aqui representados pelo jornalismo como agente construtor da memória coletiva brasileira, assim como a sua importância informativa e de registro dentro da conjuntura de uma pandemia que fez milhares de vítimas no Brasil e mudou para sempre os pilares da sociedade contemporânea brasileira, assim sendo, temos o programa Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo como fonte de análise. O trabalho tem como objetivo geral perceber e compreender de que forma a mídia, no caso referente a TV Globo, recorta os principais acontecimentos relacionados ao novo coronavírus de maneira a encará-los como acontecimentos dignos de serem lembrados e memorados, interferindo na formação de uma memória sobre a pandemia de Covid-19.

O primeiro objetivo específico da pesquisa será fazer uma reflexão sobre a relação entre mídia e memória, no contexto da sociedade midiaticizada. O próximo objetivo específico do trabalho será descrever os principais acontecimentos temáticos tratados na Retrospectiva, quais foram as histórias selecionadas como relevantes o suficiente para serem eternizadas no “resumo” de um ano tão conturbado como foi o caso de 2020 e como se relacionam com o principal “tema”, o Coronavírus. Por último, para nosso terceiro objetivo específico, entendemos ser importante lançar uma análise interpretativa – à luz do referencial teórico – dos acontecimentos identificados na Retrospectiva, comentando possíveis critérios de noticiabilidade que permearam a seleção dos fatos abordados pelo programa e, assim, construindo a memória midiaticizada da pandemia.

## **1. Papel do Jornalismo durante a Pandemia de Covid-19**

Em meados de Janeiro de 2020, alcançou os espectadores brasileiro pela TV, um destino um tanto quanto desconhecido pelo grande público. Tratava-se de Wuhan, na China.

A cidade, do outro lado do planeta, localiza-se na província de Hubei e é sua maior cidade e capital. Marcada por extensas estradas e ferrovias, Wuhan era reconhecida até então como um importante centro logístico, político e cultural do Centro chinês.

Entretanto, as primeiras notícias reportadas no Brasil sobre a capital chinesa durante em 2020, nada tinham a ver com sua importância política ou seus avançados sistemas de transporte. No dia 22 de Janeiro de 2020, foi ao ar no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, uma notícia peculiar sobre Wuhan: estavam sendo registrados, em números crescentes, casos de um novo coronavírus.

As primeiras notícias começaram a chegar ao Brasil exatamente como eram noticiadas ao redor do mundo: Wuhan se tornara o epicentro de um novo coronavírus, de rápido contágio, com sintomas de gripe e taxa de mortalidade que afetava principalmente idosos. Em comum nas notícias exibidas na TV brasileira, o consenso de que não havia necessidade para pânico, ainda.

Mas com o avanço da doença pelo globo e o rápido crescimento das ocorrências que levavam à morte, principalmente na Europa, a narrativa da mídia sobre o Covid-19 foi lentamente mudando de um vírus distante, com o qual não era preciso que a população muito se preocupasse, para um estado de alerta internacional.

O primeiro caso do novo coronavírus no Brasil foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020. Em março, no dia 12 do mesmo ano, é registrada a primeira morte em detrimento do vírus. Rosana Aparecida Urbano tinha 57 anos quando deixou sua filha. Após a sua morte, faleceram mais outros 4 membros de sua família, também vítimas de Covid. Ao fim de 2020, depois de 2 trocas no Ministério da Saúde e 8 meses sem um Ministro definido, de acordo com o balanço publicado pela Fundação Oswaldo Cruz, o Brasil contabilizava 7.714.819 casos do novo coronavírus. As mortes causadas pelo vírus somavam 195.742 óbitos. Ao final de 2021, esse número subiu para 619.056 mortes, e o país se tornava o décimo segundo país no ranking de mortes por milhão de habitantes.

Enquanto a situação se alastrava de maneira rápida e catastrófica pelo Brasil, novos veículos unidos aos já existentes, foram responsáveis por informar e atualizar a população sobre os números, cuidados e a conjuntura geral do Covid-19 no país. Desde *lives*

(transmissões ao vivo feitas na internet) de atualizações sobre o coronavírus lideradas pelo ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, à cobertura televisiva, matérias impressas e plataformas online com boletins diários sobre o vírus, é possível dizer que quase tudo em relação a pandemia, foi registrado pela mídia de alguma maneira, tornando a pandemia altamente midiaticizada.

Entretanto, em tempos onde o compartilhamento de informações é feito de maneira quase que instantânea, as falsas notícias ou *fake news*, são divididas com a mesma velocidade, uma vez que o público se apega principalmente a emoções e não a fatos objetivos, como notado por Melo, Siqueira, Cabral e Sousa (2020). Tratando-se de uma pandemia com um número de mortes tão significativo, o progressivo acesso da população brasileira, e mundial, à *desinformação* em meio a um momento crítico é altamente prejudicial.

Os monstros representados pelas informações falsas sobre a COVID-19 variam em seu tema, escopo e alcance. Entre os conteúdos mais perigosos estão os que se alastraram (...) sobre conselhos de saúde duvidosos - como “prevenir” ou “curar” a infecção por meio de uma substância específica (p.ex.: a cloroquina, recentemente na ribalta política) (SILVA; CASTIEL, 2020, p.6).

Torna-se então evidente que, a mídia e o jornalismo tomam papéis protagonistas, sejam eles positivos ou não, diante de uma crise sanitária e humanitária como a do presente caso. Faz-se importante, por exemplo, examinar através de lentes imparciais como a cobertura de um desastre desta dimensão, pode demonstrar um lado um tanto quanto macabro, voyeurístico e sensacionalista do jornalismo. Em meio a calamidade do país arrasado por uma doença, espera-se uma cobertura jornalística que possa ser delicada ao informar, sem utilizar as vítimas e as sinistras imagens da tragédia, para garantir a atenção da audiência. *“Para a notícia transformar-se em espetáculo são imprescindíveis alguns ingredientes: violência, dramas familiares, escândalos políticos, tragédias, entre outros temas chocantes para o convívio em sociedade”* (TEIXEIRA, 2011, p. 41).

O jornalismo Globo, a título de exemplo, não está isento da espetacularização da tragédia do coronavírus. Repetidas vezes no decorrer da duração da Retrospectiva 2020, são exibidas imagens fortes de profissionais da saúde desesperados com a falta de recursos em hospitais, impossibilitando o melhor cuidado para com os pacientes. Assim como, familiares

de vítimas que eram registrados, aos prantos, logo após receberem a notícia da morte de seus entes queridos. Enquanto seja indispensável que a realidade seja retratada pelo jornalismo, é impossível deixar que se note, o quão perigoso esses registros podem ser, uma vez que beiram a exploração da dor alheia sem uma clara necessidade para que o faça.

Tal reflexão, se torna relevante para nossa presente discussão, uma vez que possibilita que possamos dar o devido crédito ao papel representado pelo ato jornalístico durante a crise enfrentada ao longo do surto do Covid-19 no Brasil, sem que seja retirada a devida responsabilidade e zelo que devem ser exigidos da profissão em uma circunstância desta gravidade.

Todavia, é significativo considerarmos que quando as autoridades responsáveis fizeram menos que o esperado ao tratar-se de informações e prevenções, coube ao jornalismo fazer um trabalho de apuração e disseminação de evidências científicas comprovadas, para que o povo pudesse manter-se ciente e seguro, da melhor forma possível.

(...)É pertinente ressaltar a importância do Jornalismo Científico neste momento que intensificou a relação entre jornalismo e ciência - entendendo que a saúde só avança a partir das descobertas científicas - e que qualquer mudança em relação à COVID-19 precisa ser noticiada com base na ciência (SILVA, GOMES e PERES, 2020, p. 235).

Porém, se tratando de tempos atípicos, não é surpreendente que as mídias tenham tido que se adequar ao novo cenário. Em meio a pandemia, o processo jornalístico provou-se mais importante do que nunca em seu compromisso de instruir e esclarecer, comprovando sua essencialidade como o conceito apresentado por Sousa (2001). Enquanto algumas profissões puderam se adaptar à nova realidade de isolamento, foi necessário que o jornalismo se colocasse em linha de frente, encontrando novas maneiras de burlar as dificuldades para que se comunicasse aos cidadãos as mensagens necessárias sobre o coronavírus. Em uma realidade de restrições, alta circulação de informações falsas e um vírus de rápida transmissão, os desafios para uma boa apuração não foram poucos. *“Quando as relações socioeconômicas e sanitárias começaram a ser afetadas, o jornalismo se fez necessário para cobrir a pandemia causada pela doença. A mídia jornalística precisou se adequar às novas vivências e ao ‘novo normal’ ”* (SILVA, GOMES e PERES, 2020, p. 234).

A programação também foi modificada para melhor atender o interesse do público. Na Rede Globo, por exemplo, foi aberta uma faixa dedicada exclusivamente aos informes sobre o Covid-19 com o programa Combate ao Coronavírus, que fez sua estreia em 17 de março de 2020. Ao pesquisar por coronavírus na GloboPlay (plataforma de streaming que contém exclusivamente os trabalhos da Rede Globo de Televisão, por exemplo, são apresentadas 10.859 ocorrências. Entre estas se encontram: reportagens sobre o avanço da doença, prevenções a serem seguidas, a mudança de rotina em função do vírus e atualizações do número de vítimas.

Destaca-se então, de maneira incontestável, como a prática jornalística feita de maneira séria, profissional e fundamentada é necessária, principalmente em tempos contemporâneos. Já previamente conceituado academicamente como essencial, o jornalismo passou por momentos turbulentos desde o início da pandemia, precisando adaptar e ajustar-se ao “novo normal” do exercício da profissão. O aumento exponencial das *fake news* e da epidemia de desinformação, a infodemia<sup>6</sup>, foram obstáculos não só do jornalismo, mas de uma população que, em meio a 100.000 vítimas fatais, teve que lutar também com a ignorância para sobreviver. É preciso que se compreenda as relações políticas que permearam os papéis que o exercício jornalístico representou no Brasil durante a pandemia, para que possamos dimensionar de fato, e reconhecermos, que este foi um notável pilar do combate ao coronavírus. Não é exagero afirmar que, que o jornalismo bem executado e comprometido com os fatos, foi responsável por salvar vidas no Brasil no ano de 2020.

## 2. Televisão e Memória

A televisão é atualmente um membro presente e intrínseco às vidas de uma parte significativa das famílias brasileiras. Sendo encontrada em aproximadamente 69,3% de domicílios, pode-se concluir que na contemporaneidade o acesso à conteúdos televisivos no país tornou-se deveras popular.

Entretanto, em seus primeiros anos, como era de se esperar, a TV não atendia a todos, chegando a apenas 200.000 televisores na década de 1960<sup>3</sup>, um número que comparado a agora, parece quase minúsculo. Com o passar dos anos, a televisão se firmou de fato como um dos mais democráticos meios de acesso à informação, não somente pela facilitação em sua aquisição, mas também por sua linguagem clara e inteligível, capaz de dialogar diretamente com as mais diversas audiências, como apontado por Jordane Trindade de Jesus e Vitor Lopes Resende (2013).

A televisão, além de fonte inesgotável de entretenimento e informação, utiliza-se de uma linguagem simples, que pode ser entendida por indivíduos de qualquer meio. Qualquer pessoa consegue entender a signagem da televisão quase em sua totalidade, embora cada indivíduo possa entendê-la de modo diferente (SILVA, GOMES e PERES, 2013, p.234).

Com essa característica altamente abrangente em mente, podemos afirmar que a TV passa a assumir um papel que não a limita apenas à posição de um meio de comunicação, transmissor de mensagens mas simultaneamente, um importantíssimo lugar de influência e formação de opiniões.

A partir da sua compreensão, a TV passa de simples meio veiculador de mensagens para um objeto influente no meio social, que molda hábitos, linguagem e constrói uma cultura a partir do entendimento (recepção) de seu conteúdo. (...)A TV moldou hábitos, criou linguagens, instigou o consumo, ditou moda e desenvolveu uma cultura que é recebida e disseminada por seus telespectadores dia-adia (JESUS; RESENDE, 2013, p.6).

É justamente a partir deste aspecto de formar e influenciar a cultura, que nós começamos a abordar a televisão como um agente da memória, através da sua capacidade de encapsular contextos culturais e acontecimentos históricos de importância para o país e o resto do mundo. Compreendendo a mente humana como um aparelho que pode apresentar

---

<sup>3</sup> Dados apresentados no artigo “A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia”, por Jordane Trindade de Jesus e Vitor Lopes Resende, apresentado no Encontro Nacional de História da Mídia em 2013.

eventuais falhas, ainda mais levando em consideração a memória coletiva de uma sociedade como um todo, é preciso que haja à disposição, dispositivos que possam nos auxiliar no não esquecimento, e que possam evocar e trazer à tona, o que antes poderia ser facilmente esquecido.

Recebemos informações constantemente, através de nossos sentidos; mas não memorizamos todas. Por ex., depois de ver um filme, lembramos algumas cenas; pode ser, até, muitas; mas não todas. Depois de ouvir uma aula, lembramos alguns conceitos; frases inteiras, talvez; mas não todos os conceitos nem todas as frases. Há, portanto, um processo de seleção prévio à formação de memórias, que determina quais informações serão armazenadas e quais não (IZQUIERDO, 1998, p.91).

Visto que a memória coletiva constrói-se dentro do “grupo”, como verificou Maurice Halbwachs em seus estudos (1925), pode-se entender que os momentos que são eternizados e retratados em programas midiáticos como de grande importância dentro de um recorte temporal específico, eternizam-se de tal maneira pois interessam e afetam o coletivo.

A Memória tem sido um campo eficientemente estabelecido e já explorado dentro da Comunicação, e entendê-la, assim como o papel ativo que a mídia representa em sua construção, nos permite compreender melhor não somente o passado, mas também o contexto contemporâneo e a relevância histórica que o ato de registrar representa para a sociedade futura. Como bem apontado por Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento (2020), é importante que se questione como a memória é capaz de projetar-se não só para o passado, mas também para o futuro.

Programas de TV, sejam eles de cunho jornalístico ou não, servirão futuramente como retratos que serão capazes de nos trazer de volta à época representadas, trazendo consigo os contextos culturais e sócio-políticos. É importante frisarmos, que a televisão embora seja capaz de encapsular uma grande parte da nossa história e sociedade, não é capaz de representá-la por inteiro. O que é apresentado na TV, é apenas um pequeno recorte de uma realidade muito maior. Ao considerarmos os programas de televisão como agentes da memória, encaramos o cenário em que eles podem, em seus arquivos, “[...] *selecionar o que será lembrado e o que será esquecido e, assim como as pessoas, possui o passado em seu acervo de dados*” (PORCELLO; BRITES, 2018, p.6).

Estudaremos no presente trabalho, o programa Retrospectiva de Fim de Ano, pertencente à Rede Globo de Televisão, uma edição especial do Globo Repórter que vai ao ar

anualmente, tradicionalmente na última sexta-feira do ano. O Retrospectiva, sintetiza em sua exibição os momentos nacionais e internacionais que foram considerados marcantes e de relevância. A Retrospectiva de Fim de Ano não foi a única atração da grade da emissora a apelar para sentimentos de memória, quase nostálgicos, do público. Programas como o “Vale a Pena ver de Novo” faixa da emissora que exibe telenovelas antigas, provam que há interesse da audiência em reviver momentos que já passaram. *“Essa tendência se explica a partir da ‘neotelevisão’ (ECO, 1984) que se refere à televisão falar de si mesma[...] a ‘neotelevisão’ explorava um discurso sobre si mesma e sobre seu contato com o público, valorizando bastidores e a sensação de realidade por reforçar o estar ‘presente’”* (PORCELLO E BRITES 2018, p.4).

Sendo assim, a prática midiática brasileira de “recordar” tornou-se tão intrínseca à forma como vivemos em sociedade, que seus registros tornam-se uma espécie de museu em tempo real. Pode-se enxergar a televisão como testemunho de momentos históricos, interferindo diretamente nas formas de fixação de uma memória coletiva (VILLELA, 2019,p.8).

Programas como a Retrospectiva de Fim de Ano da Globo, que sintetiza os maiores acontecimentos do Brasil e do mundo em algumas horas de exibição, desempenham agora um papel importantíssimo para a futuridade: o de arquivo. De memória.

Entende-se portanto, ao considerarmos superficialmente a estrutura básica da “Retrospectiva Globo” e que em um contexto moderno somos frequentemente bombardeados por informação, que os fatos registrados na exibição em questão tornam-se agentes da memória brasileira, dado que, servem como uma espécie de “muleta” para que se lembre de aspectos específicos do ano que passou, como constatou em seu artigo científico, Reneé Oliveira (2011).

Como lugar de publicização não só de memórias de uma sociedade, mas também do próprio meio, a Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo de Televisão se oferece como lugar de rememoração em nossa cultura de contínua aceleração e esquecimento. Ao funcionar como uma mediação entre os acontecimentos passados e o presente, a Retrospectiva atua na construção de uma memória coletiva ao escolher os fatos que merecem ou não ser rerepresentados (OLIVEIRA, 2011, p.79).

Faz-se necessário no presente então, aprofundar-se em discussão sobre os significativos papéis aqui representados pelo jornalismo como agente construtor da memória coletiva, assim sendo, temos o programa Retrospectiva de Fim de Ano da Rede Globo como fonte de análise.

### **3. Método, Resultados e Discussões**

Essa pesquisa é do tipo qualitativa, que focaliza em profundidade um caso específico, tomando como referência dois tipos de análise: a descritiva e a interpretativa. Selecionamos Bardin (2022) como guia para análise de conteúdos.

Conforme a autora, realizamos uma leitura “flutuante” sobre o programa “Retrospectiva na Globo” para selecionarmos os extratos mais significativos para o objetivo da pesquisa. Após a pré-análise e a exploração do material, realizamos a análise descritiva, a organização dos resultados e a interpretação – baseada na presença de determinadas características em comum.

#### **3.2. Análise Descritiva: resultados**

Podemos afirmar que a Retrospectiva Globo do ano de 2020 é sem dúvidas muito diferente das suas precedentes. Para começarmos, é importante notar que as edições passadas do programa (como a de 2018 e a de 2019) tinham em média um pouco mais de 1 hora de duração. Visto que 2020 foi um ano de extrema conturbação para a população mundial como um todo, era de esperar que o conteúdo da Retrospectiva deste ano, em específico, fosse mais extenso que o das edições anteriores, o que de fato ocorreu, com a exibição tendo mais de 2 horas, o que a torna a maior edição do programa exibida nos últimos 3 anos.

A edição de 2020 também se mostra excepcional em seu formato: Além da exibição tradicional que foi ao ar na Rede Globo no dia 29 de Dezembro do mesmo ano, a Retrospectiva Globo de 2020 ganhou uma série especial no GloboPlay, o serviço de

*streaming* da emissora. Com 5 episódios, cada um focado em um assunto específico que teria sido proeminente durante o ano, com o objetivo de se poder aprofundar em cada um deles. Foram eles: O ano do vírus (dedicado a pandemia de Covid-19), O ano da perplexidade (dedicado a acontecimentos políticos e econômicos), O da diversidade (dedicado aos confrontos envolvendo raça e sexualidade), O ano do fogo (dedicado às queimadas e ao meio ambiente) e por fim, O ano da incerteza (dedicado a sintetizar os principais acontecimentos de todas as temáticas).

Estaremos analisando no presente trabalho o programa exibido pela emissora no dia 29 de Dezembro de 2020. Baseando-nos no conceito de acontecimento descrito por Vera França e Suzana Cunha Lopes (2017), que retrata acontecimento como um fato cotidiano com grande poder de afetação, podemos considerar que todos os episódios apresentados pelo programa são de fato, acontecimentos e talvez até, os de maior relevância para o público.

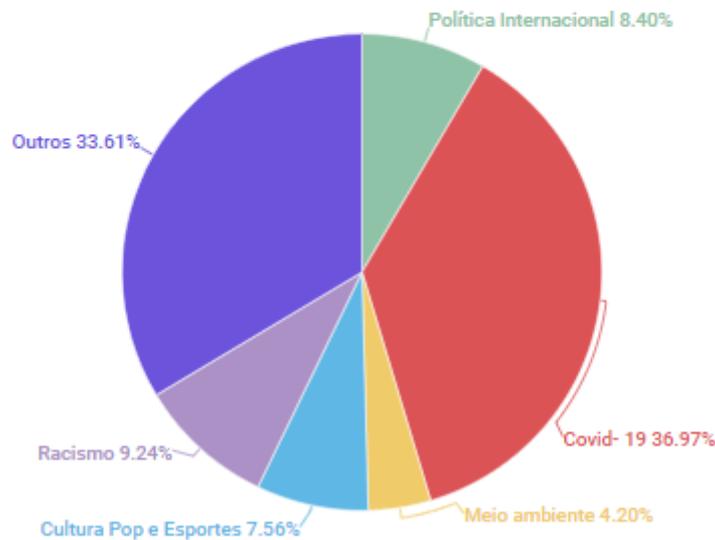
Seguindo este mesmo raciocínio, é imprescindível notarmos a presença marcante que a pandemia de Covid-19 teve na edição, podendo ser compreendida como o maior acontecimento do ano ali retratado. Dos mais de 100 minutos, 40 foram usados apenas para abordar a pandemia e suas demais influências para nossa sociedade e economia

### ***Gráfico 1***

# Distribuição de conteúdo Retrospectiva Globo 2020

Distribuição de conteúdo Retrospectiva Globo 2020

## Temas



Distribuição de conteúdo por temas e duração apresentados na edição 2020.

*Covid-19: 44 minutos de tela, Política Internacional: 11 minutos de tela. Meio ambiente: 5 minutos de tela, Cultura pop e esportes: 9 minutos de tela, Racismo: 11 minutos de tela.*

A exibição começa com descrições impactantes sendo proferidas pelas apresentadoras, o que já constitui para o espectador, uma imagem muito bem demarcada do ano que se passou.

“Um dos anos mais assustadores vividos pela humanidade” inicia a jornalista Sandra Annenberg. “Nos tornamos personagens de um filme assustador, terrível. E a maior angústia dessa trama: tudo era verdade.” continua a apresentadora, seguida por Glória Maria que enfatiza: “O ano do vírus”.

Comprovamos aqui então, logo no início da edição, que para a Retrospectiva Globo, 2020 foi e será para futuramente em seus arquivos, o ano do Covid-19.

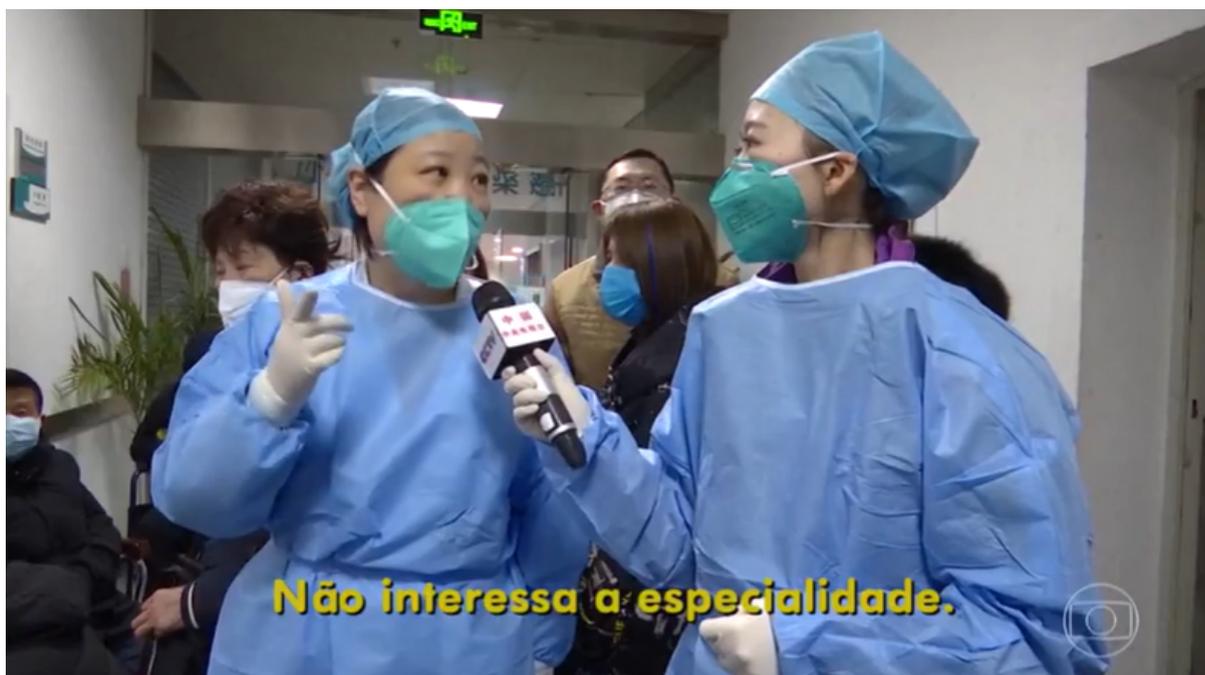
Logo em seguida, é apresentada uma montagem sobrepondo os primeiros relatos sobre o novo Coronavírus vindos da China, com as imagens dos primeiros médicos que socorreram os pacientes nos apresenta uma cidade que até então era desconhecida pela maioria dos brasileiros: Wuhan.

Foi em Wuhan, na China, que formou-se o palco para o que seria 2020. A Retrospectiva define Wuhan como o “epicentro de um mundo em ebulição”. De acordo com o programa, a origem do novo Coronavírus seria o mercado de animais vivos, com morcegos sendo os primeiros agentes do vírus.

*Imagem 1*



*Imagem 2*



*Em Wuhan, todos os médicos são convocados para atuar contra o novo coronavírus.*

Faz-se importante para a nossa análise notar, como Wuhan é tratada nos cortes das reportagens utilizadas pela Retrospectiva Globo para descrever este início da pandemia de

Covid-19. Embora apontado como o epicentro inicial do que viria a se tornar o grande surto do vírus SARS-CoV-2, vírus causador da Covid-19, há um claro cuidado na tonalidade e no roteiro anunciado pelas apresentadoras, para o que podemos deduzir, seja cautela em não apontar culpados e não cometer afirmações que possam soar xenofóbicas de maneira que, ao fim do programa sabemos onde se teria se originado o contágio mas, para a edição, não há um claro posicionamento negativo relacionado ao local em si.

No próximo ponto abordado pelo programa, também se refere às épocas iniciais do aparecimento do vírus: No Japão, um cruzeiro com 3.700 passageiros entra em quarentena em alto-mar, num clima de muito medo e tensão. Entre as pessoas, o coronavírus.

A nova doença ganha nome: COVID-19.

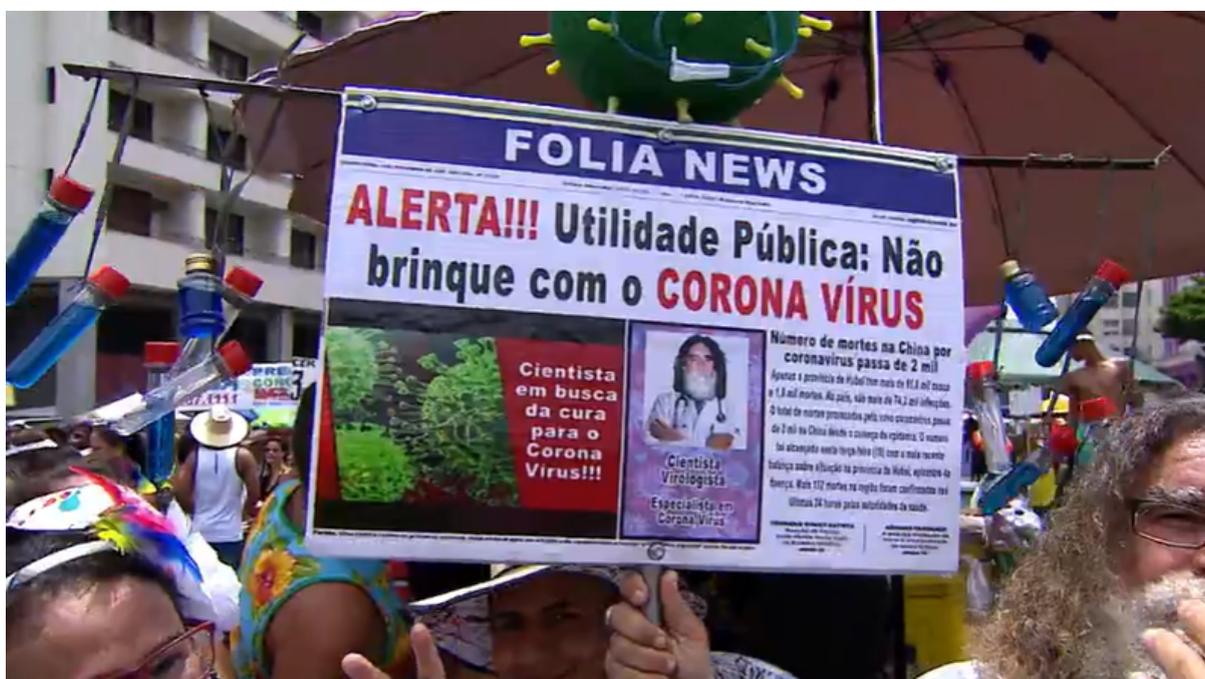
O programa então discute a rápida mudança com a qual os países líderes em número de casos vão se alternando. Da China, para o Japão, para a Coreia do Sul. É importante ressaltarmos que a partir desta marca, o Retrospectiva passa a abordar os efeitos político-econômicos do progresso do novo vírus, registrando para a posteridade as diversas facetas da sociedade que foram afetadas. A primeira abordagem deste tópico, são os protestos contra o governo no Líbano, no início do ano, que tiveram que ser silenciados em detrimento do COVID-19.

Enquanto isso no Brasil, a população ainda pulava carnaval e o Coronavírus parecia algo distante e inalcançável. Nas ruas, o novo vírus virou piada, brincadeira, pessoas se fantasiavam fazendo referência ao COVID-19.

*Imagem 3*



*Imagem 4*



*Foliões brincam e se fantasiam do novo coronavírus.*

Ao olharmos para o passado, neste exato período das festividades do carnaval brasileiro, é um tanto quanto “tragicômico”, vemos que um dia nossa sociedade fez piada com o que viria a ser uma das maiores catástrofes da história recente da humanidade. *Onde estão essas pessoas que fizeram piadas durante o carnaval de 2020? Quantas delas tiveram suas vidas completamente transformadas após o início da pandemia?*

Para o futuro, os registros deste período ficam como um importante lembrete de como se comportar perante a iminência de situações similares.

Em 11 de Março, a OMS declara o novo Coronavírus como uma pandemia. A Europa torna-se o epicentro da doença.

No Brasil, começam os casos, as mortes e o desespero, no que o narrador do programa chama de “os dolorosos dias de um mundo real”. São expostas na edição, imagens de famílias em lágrimas, imploram por leitos para que seus parentes sejam internados. A saúde brasileira começa a entrar em colapso, com o número de casos subindo diariamente. Os profissionais da saúde montam a linha de frente de uma guerra cansativa e repórteres se emocionam ao retratar os impactos da COVID-19.

Como mencionado anteriormente, no capítulo de abordagem do jornalismo em tempos pandêmicos, tudo que era conhecido pela classe jornalística foi rapidamente alterado, da noite para o dia. A vulnerabilidade dos repórteres neste caso, reforça de maneira firme o caos em que o país se encontrava, quando até mesmo profissionais que são tradicionalmente objetivos e um pouco mais “frios”, não conseguem evitar emocionadas demonstrações de compaixão.

O programa segue então para a recordação das favelas brasileiras, onde moradores se mobilizam para que as notícias sobre a COVID-19 e os cuidados a serem seguidos, cheguem para os moradores. Arrecadações de cestas básicas e esterilização de ambientes também acontecem, fruto dos próprios moradores, que acusam o governo de não olhar pelo povo da favela.

A exibição relembra casos de desrespeito e ações desumanas de pessoas que fizeram pouco caso da pandemia, desrespeitando normas de distanciamento social e derrubando memoriais em homenagem aos muitos mortos vítimas da COVID.

A retrospectiva relembra casos de desrespeito e ações desumanas de pessoas que fizeram pouco caso da pandemia, desrespeitando normas de distanciamento social e derrubando memoriais em homenagem aos muitos mortos vítimas da COVID.

O presidente Bolsonaro se mostra extremamente ignorante quanto aos acontecimentos do país e do mundo; o programa recorda quando Bolsonaro comemorou o “fiasco” da vacina que começava a ser desenvolvida na China, uma das primeiras esperanças no combate ao Coronavírus.

A perspectiva da edição então toma um cunho mais evidentemente político. Ao tratarmos da abordagem de edições anteriores da Retrospectiva Globo, é correto afirmarmos que a linha editorial do programa, tratava o governo do Presidente Jair Bolsonaro com uma certa neutralidade, até mesmo um “benefício da dúvida”. Mas passa a ficar claro no roteiro e na edição da Retrospectiva 2020, o posicionamento do programa sobre o atual governo, não poupando "farpas" a Bolsonaro.

Sandra Annenberg define o comportamento do presidente Bolsonaro durante 2020 em uma palavra: perplexidade. A comitiva brasileira vai aos Estados Unidos fazer uma visita ao então presidente Donald Trump e volta com o Coronavírus.

No meio da Pandemia, Bolsonaro demite o ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, que defendia o distanciamento social como forma preventiva do vírus e Annenberg destaca as “escapadinhas” do presidente em público, promovendo aglomerações e descumprindo TODAS as medidas e cuidados a serem tomados.

São também abordadas as visitas de Bolsonaro a presidentes de outros países (possíveis aliados), que são exibidas em uma montagem com uma música cômica ao fundo, fortalecendo o posicionamento do programa a respeito do presidente. Ao encerrarmos o bloco sobre a pandemia no programa, Glória Maria anuncia: “Luz no fim do túnel!”, as primeiras pessoas começam a ser vacinadas no mundo.

### *Imagem 5*



*Começa a vacinação contra o coronavírus no Reino Unido.*

Como uma montagem emocionante, e trechos de entrevistas com enfermeiros envolvidos e primeiros vacinados, assumimos que esta parte do programa iria terminar de maneira positiva e esperançosa, mas não é o caso. A retrospectiva encerra o bloco enfatizando a dimensão de toda a tragédia: até o momento da exibição, o Brasil caminhava para 200.000 mortos e o mundo se aproximava de 1,8 milhões de vidas perdidas.

De maneira geral, a retrospectiva do ano de 2020 parece muito completa e detalhada quando comparada às outras e seu tempo de duração certamente reflete isso. Os assuntos são tratados com a devida sensibilidade, mas nada é romantizado, principalmente quando se trata da triste situação do coronavírus no Brasil durante o ano. O roteiro critica e condena fortemente as atitudes do presidente Jair Bolsonaro, mesmo que em alguns momentos isso seja feito em “entrelinhas”. Os muitos absurdos do governo e os erros que custaram milhares de vidas não parecem ser perdoados pela edição e se a história não lembrar, parece que a mídia certamente irá.

### 3.3. Análise Interpretativa: discussões

Analisando-se o material apresentado até este ponto, sobretudo as ideias que se referem a construção de memória, a prática jornalística e o conteúdo apresentado pela edição estudada do programa, é possível que finalmente comecemos a traçar a partir daqui, de maneira concreta, um paralelo entre o recorte feito pela Rede Globo das notícias que dialogam sobre a temática da pandemia de Covid-19 e como estes podem ser considerados os mais importantes acontecimentos relacionados a isto.

Em primeiro caso, é importante notarmos quais elementos relacionados ao Covid-19 são abordados pela edição. O surgimento do vírus, o reconhecimento da pandemia, sua chegada ao Brasil, assim como o número de vítimas e a crise sanitária que se estabeleceu em seguida não são as únicas facetas abordadas na exibição. A perspectiva das repercussões sócio-política e econômica da pandemia, é intensamente discutida.

Uma das primeiras abordagens apresentadas pelo programa que pode ser interpretada para além do que é dito, subentendendo uma temática, é o período de carnaval no início de 2020. Como explicado anteriormente em outra análise, enquanto os primeiros casos iam surgindo principalmente na cidade de Wuhan, o ritmo brasileiro seguia razoavelmente habitual, com as festividades carnavalescas ocorrendo sem nenhuma preocupação extra com o que estava ocorrendo do outro lado do globo em decorrência do surgimento do novo coronavírus.

Somos apresentados pela edição da retrospectiva recortes de reportagens exibidas previamente, principalmente pelo Jornal Nacional, datadas do carnaval daquele ano com imagens que estavam repletas de “piadas” e “brincadeiras” que, ao examinarmos agora, beiram a tragédia.

São imagens essas, de inúmeros foliões que afirmavam não se preocupar com o “vírus chinês”, como dito por um deles, carnavalescos que usavam fantasias que caçoavam do Covid-19. Em seguida, uma narração sombria acompanhada de efeitos sonoros estarrecedores anuncia: “Até que veio a quarta-feira de cinzas.”

A abordagem do período retratado, assim como os recursos audiovisuais utilizados na composição deste segmento, expõe a nós espectadores uma interpretação altamente

dramatizada, que imprime uma sensação de bastante seriedade e temor, o que agora sabemos, ir de acordo com a severidade da situação. O modo como os foliões são editados nas montagens exibidas, demonstra que o programa exibia uma nítida concepção anti-negacionista, caracterizando as pessoas retratadas em uma clara edição negativa. O posicionamento contra o negacionismo da Retrospectiva é ainda mais claro em outros contextos e cenários mostrados, mas podemos com clareza interpretar que este tenha sido o primeiro momento.

Patrícia Paixão, jornalista e pesquisadora, afirma em sua obra (2018) que de forma mais ou menos evidente, sempre foi possível notar no jornalismo brasileiro a orientação ideológica que norteava os veículos jornalísticos do país. Ao observarmos com atenção os pequenos detalhes que constroem e compõem a estruturação de um meio jornalístico, independentemente de seu formato, podemos perceber com demasiada clareza que linha editorial o veículo em questão escolhe seguir.

O programa Retrospectiva Globo, é um excelente exemplo tanto do posicionamento evidente de uma emissora e suas exibições, tanto como do posicionamento velado que pode ocorrer através de “jogadas” de roteiro, edição e até mesmo tonalidade e postura apresentada por repórteres e apresentadores ao anunciar os tópicos e temáticas abordados durante a exibição de uma faixa.

No jornalismo, tratando-se de discussões dentro do campo político-social, expressões de posicionamento são especialmente mais perceptíveis. Como previamente mencionado neste trabalho, as edições anteriores à de 2020 da retrospectiva embora tendiam a expressar algumas formas de descontentamento político com atitudes do atual governo, mas nunca nada escancarado. Esse ângulo transforma-se nitidamente quando nos referimos ao programa que foi exibido no final de 2020, o programa que se autodenominava como o “ano do vírus”, como também fora previamente descrito pela apresentadora Glória Maria.

Em seu trabalho sobre a construção de memória a partir do audiovisual, Bruno Ribeiro Nascimento salienta como a mídia influencia diretamente a criação de “memórias de segunda mão” no consumidor.

“Em nossa era midiática, criamos um conjunto de memórias de segunda mão.

Narrativas, imagens e acontecimentos são reproduzidos e reformulados, mas também questionados e contestados, através do que lemos, ouvimos e vemos na TV (...)"

(Nascimento, 2014, p. 10).

É este conceito de memórias geradas, ou fortalecidas, a partir de obras audiovisuais que precisa ser fortalecido ao destacarmos o que será lembrado nos registros do programa e eventualmente, servir para a formação destas memórias. Embora outras ocorrências do ano de 2020 tenham sido registradas para a posteridade, ao darmos a função de arquivo para o Retrospectiva Globo, é certo que 2020 será eternamente o ano do vírus, uma vez que assim foi sintetizado pelo roteiro da exibição.

Adentrando mais as questões relacionadas aos arquivos para futuridade, em si, devemos examinar mais profundamente de quais maneiras pode ser feita a construção da pandemia pelas lentes do já tradicional programa da TV Globo. Para além da crise generalizada que se instaurou ao redor mundo, quais aspectos, descrições e imagens, são utilizadas para estabelecer todo um imaginário desta pandemia midiaticizada.

Exemplificativamente, depoimentos, tanto de médicos e profissionais que lideraram a linha de frente contra o vírus, como o de pacientes que sofreram com a doença e familiares que perderam seus entes queridos, são peças chaves na construção de credibilidade e de um sentimento de empatia para com o todo o período pandêmico e seus incontáveis e vítimas.

A utilização de personagens como estes permeia toda a extensão desta edição do programa. Somos apresentados a pessoas comuns, personalidades facilmente reconhecíveis no imaginário brasileiro, indivíduos que poderiam ser nossos vizinhos, colegas de trabalho ou até mesmo nossos amigos mais próximos. Ao conhecermos as histórias dessas pessoas pelo programa e ao reconhecermos nelas, tamanha familiaridade, automaticamente criamos um

laço mais profundo com o que está sendo retratado e nos importamos mais com a temática abordada. Identificar figuras tão conhecidas vivenciando um momento desesperador como foi a pandemia em seu auge, foi sem dúvidas uma acertada estratégia emocional que posteriormente, contribuirá para a concepção de um olhar, *ou neste caso memória*, devidamente humanizado a respeito do SARS-CoV-2 e da pandemia.

Como bem notado por Lucas Braga Rangel Vilela em seu trabalho (1998), jamais devemos ignorar o grande potencial que as imagens têm como agentes históricos e sua capacidade de evocar um período histórico ou imaginário social e de reforçar elementos da memória coletiva.

Imagens como a de 6 profissionais da saúde em um hospital atendendo a um único paciente, acompanhada de uma trilha sonora soturna e narração de Sandra Annenberg declarando como a pressão e o cansaço deixam os trabalhistas a beira da exaustão, são um claro comentário sobre a precariedade do sistema de saúde brasileiro, o esgotamento dos profissionais que não tiveram escolha a não ser enfrentar a situação de frente, assim como os ambientes hospitalares públicos que já previamente conhecidos por serem caóticos, e tornaram-se um verdadeiro pandemônio durante a pandemia. Cenas de reportagem de pacientes se recuperando são rapidamente contrapostas por familiares de pacientes internados, aos prantos e desesperados, tendo que receber em frente às câmeras, a notícia da morte de entes queridos.

Com sedativos em baixo estoque e pacientes tendo a infelicidade de precisarem ser entubados sem os devidos anestésicos, é bastante nítida a imagem que a Retrospectiva caracteriza para os seus espectadores: A saúde brasileira é escassa, frágil e precarizada. Características que antes já não eram plausíveis são de fato inaceitáveis durante uma pandemia, e de acordo com a edição, temos a quem culpar por tudo isso.

Em um devido ponto, cortamos para uma imagem do âncora e editor William Bonner apresentando o Jornal Nacional e confirmando: “Aos que foram desrespeitosos: a História atribui glória e atribui desonra! E História, fica pra sempre.”

O posicionamento do Programa em relação aos “desrespeitadores” do isolamento também se prova bastante proeminente durante a edição, afirmando em mais de uma ocasião o quão

perturbador e inadmissível este tipo de comportamento é durante a pandemia, botando em risco a vida de inúmeras pessoas.

A crítica do programa a este tipo de comportamento é ainda mais ferrenha ao tratarem do que é indicado pela edição como o elemento agravante da pandemia em solo brasileiro: O governo. Durante um período extenso, o governo de Jair Bolsonaro e as decisões tomadas pelo presidente são claramente reprovadas.

Assim como escrito por Renné Oliveira França em seu trabalho (2009), registros como este são imprescindíveis frente a uma sociedade que por tantas vezes insiste em esquecer o passado. É de extrema importância usarmos do artifício de memória para que possamos compreender a sociedade contemporânea, compreender os erros cometidos para que não aconteçam novamente. Posteriormente, ao olharmos para as críticas feitas ao presidente durante esta edição da Retrospectiva, seremos capazes de conceber a dimensão do despreparo e descuido do país no decorrer de um acontecimento que fez mais de 600.000 vítimas em nossas terras. A Retrospectiva escolhe condenar as atitudes do governo de Bolsonaro pois é vital que isto seja memorado, que não se perca na história a incompetência e falta de interesse que nossos governantes tiveram em salvar as milhares de vidas que perdemos.

Como foi dito no livro *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na internet* (2020), o jornalismo é uma construção da realidade. Isso pode significar neste presente contexto, que o que foi reportado pela edição 2020 da Retrospectiva de Fim de Ano nada mais é que uma construção da realidade do ano ali representado. Para a História, estes arquivos serão eternamente a síntese da vida em pandemia. O que fomos, como agimos, como reagimos a tudo que aconteceu está eternizado neste programa.

A solidariedade para ajudar quem precisava, os esforços médicos e a esperança de sair deste período turbulento estão para sempre registradas. Assim como o caos, as mortes e o completo descaso, tanto de negacionistas, como das instituições que deveriam zelar pelo bem e pela qualidade de vida da sua população. A retrospectiva não deixa nenhum aspecto da pandemia de lado, podemos enxergar com clareza as opiniões ali apresentadas e as memórias que serão construídas a partir disto.

Em um país que faz questão de esquecer as atrocidades cometidas em seu terrível passado, há a esperança de que um programa de televisão, jamais deixará que tudo isso seja apagado.

#### **4. Considerações Finais**

Os objetivos iniciais desta monografia foram relacionar mídia e memória, assim como descrever, analisar e interpretar os acontecimentos registrados pela Retrospectiva e como estes relacionam-se entre si e possibilitam que a edição do programa possa servir para a construção de memória a respeito da pandemia, servindo simultaneamente assim, como agente da memória brasileira.

De tal modo, as pesquisas realizadas, assim como os acontecimentos analisados neste trabalho, foram assim executados pois foram identificados por mim como os que mais tiveram clareza de posicionamento em seus registros, assim como maior repercussão e tornando-se deste modo, indispensáveis para que sejam executadas a criação e constituição da memória deste período.

Após apontados os fatos registrados, buscou-se referências que conversassem diretamente com a problemática da memória da pandemia de Covid-19. Um campo fundamental de pesquisa da mídia, a memória norteou de diferentes maneiras as ramificações de todo o trabalho. Foi agregado então ao referencial teórico, pesquisas sobre televisão e memória, jornalismo e pandemia, assim como trabalhos e pesquisas a respeito de linhas editoriais e posicionamentos de grandes veículos jornalísticos brasileiros. Este material foi essencial para que se traçasse aspectos de muita importância do jornalismo: o de agente construtor da memória, assim como disseminador de informações corretas em uma época marcada pela desinformação. Foi utilizando-se dessas facetas, que pudemos identificar de quais maneiras e em que tom, o programa Retrospectiva de Fim de Ano da Globo registrava a pandemia.

Logo, passamos por uma linha temporal de acontecimentos relacionados a pandemia que marcaram o ano de 2020 no âmbito nacional e internacional. Desde a descoberta do

vírus, até sua chegada no Brasil, assim como a sua recepção pelo povo brasileiro e pelos governantes e como estes acontecimentos foram registrados e discutidos pelo programa e de que forma, estes registros poderiam influenciar a memória e a percepção do público a respeito deste período da história da humanidade.

Com isso em mente, consideramos finalmente que o jornalismo é uma ferramenta fundamental na construção de realidade e memória e que um programa como a retrospectiva, que já recorta os acontecimentos de maior relevância do ano, é peça chave para os arquivos de TV e para a memória brasileira. A Retrospectiva de Fim de Ano, em sua exibição de 2020, escolhe quais fatos deste período de pandemia serão lembrados futuramente e influencia, utilizando-se de seus recursos audiovisuais, como a audiência deve se sentir a respeito de cada um deles. Sendo um campo de estudos tão importante e já tanto discutido, faz-se necessário novamente, que se analise e se compreenda, como um dos maiores acontecimentos da história recente da humanidade, como a pandemia de Covid-19, afeta sua construção, o jornalismo, a mídia e a maneira como escolhemos lembrar o passado.

## 5. Referências Bibliográficas

BEZERRA, Cícero Anderson de Almeida. **Memória, história e manipulação midiática**. Recife, 2019.

BRAGA RANGEL VILLELA, L. A televisão como campo de memória e representação social. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 33, p. 6-25, 23 maio, 2019.

COUTINHO, Iluska. Apresentação, IN: Siqueira, Fabiana. Monteiro, Patrícia. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e Internet**. 1ª edição. Paraíba, Editora UFPB, 2020. Disponível em:  
<<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/876/820/6610-1>, Acesso em 17/08/2021.

FRANÇA, Renné Oliveira. **Memória eletrônica: a mnemotécnica da retrospectiva de final de ano**. Belo Horizonte, 2011.

FRANÇA, Renné Oliveira. **Eclipses do Inesquecível: o papel da memória na contemporaneidade a partir da Retrospectiva de Final de Ano**. Belo Horizonte, 2011.

FRANÇA, Vera, O acontecimento e a mídia. **Revista Galáxia**. São Paulo, n.24, p.10-21, dez 2012.

GOULART, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e Memória: Entre testemunhos e confissões**. 1ª edição. 2020

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª edição, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. 1998, p. 71-98.

JESUS, Jordane Trindade de. RESENDE, Vitor Lopes. **A Televisão e sua influência como meio**: uma breve historiografia. Ouro Preto, 2013.

MUSSE, Christina Ferraz. VARGAS, Herom. NICOLAU, Marcos. **Comunicação, mídias e temporalidades**, Salvador, Editora EDUFBA, 2017.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **Mídia e Memória**: uma breve análise do uso dos meios de comunicação na construção da memória coletiva e individual. Paraíba, 2014.

PAIXÃO, Patrícia. Linha Editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática. **Revista ALTERJOR**, São Paulo, v.1, n.17, 2018.

PAULINO, Rita. HIDALGO-RODRÍGUEZ, Claudia. **Jornalismo, sociedade e pandemia**. 1ª edição. Portugal, Editoria Ria Editorial, 2020. Disponível em: <<https://indd.adobe.com/view/a609e0b3-59ac-4ece-82f3-86eff2936d2d>>, Acesso em 17/08/2021.

PORCELLO, Flávio. BRITES, Franciele. TV mulher: a televisão como lugar de memória. Editorial. **Revista Memorare**, v. 5, n.3, p. 86-99, set./dez. 2018.

SILVA, Paulo. CASTIEL, Luís David. **COVID-19**: as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. 2020.

TEIXEIRA, M. **As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabela Nardoni**. Tese (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

